

## Operário em Construção

Vinicius de Moraes

Era ele que erguia casas  
Onde antes so' havia chão.  
Como um pássaro sem asas  
Ele subia com as asas  
Que lhe brotavam da mão.  
Mas tudo desconhecia  
De sua grande missão:  
Nao sabia por exemplo  
Que a casa de um homem e' um templo  
Um templo sem religião  
Como tampouco sabia  
Que a casa quer ele fazia  
Sendo a sua liberdade  
Era a sua escravidão.

De fato como podia  
Um operário em construção  
Compreender porque um tijolo  
Valia mais do que um pão?  
Tijolos ele empilhava  
Com pa', cimento e esquadria  
Quanto ao pão, ele o comia  
Mas fosse comer tijolo!  
E assim o operário ia  
Com sour e com cimento  
Erguendo uma casa aqui  
Adiante um apartamento

Alem uma igreja, à frente  
Um quatel e uma prisão:  
Prisão de que sofreria  
Nao fosse eventualmente  
Um operário em construção.  
Mas ele desconhecia  
Esse fato extraordinário:  
Que o operário faz a coisa  
E a coisa faz o operário.  
De forma que, certo dia  
`A mesa, ao cortar o pão  
O operário foi tomado  
De uma subita emoção  
Ao constatar assombrado  
Que tudo naquela mesa  
- Garrafa, prato, facão  
Era ele quem fazia  
Ele, um humilde operário  
Um operario em construção.  
Olhou em torno: a gamela  
Banco, enxerga, caldeirão  
Vidro, parede, janela  
Casa, cidade, nação!  
Tudo, tudo o que existia

Era ele quem os fazia  
Ele, um humilde operário  
Um operário que sabia  
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento  
Nao sabereis nunca o quanto  
Aquele humilde operário  
Soube naquele momento  
Naquela casa vazia  
Que ele mesmo levantara  
Um mundo novo nascia  
De que sequer suspeitava.  
O operário emocionado  
Olhou sua propria mao  
Sua rude mão de operário  
De operário em construção  
E olhando bem para ela  
Teve um segundo a impressão  
De que nao havia no mundo  
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro dessa compreensão  
Desse instante solitário  
Que, tal sua construção  
Cresceu tambem o operário  
Cresceu em alto e profundo  
Em largo e no coração  
E como tudo que cresce  
Ele nao cresceu em vão  
Pois alem do que sabia  
- Excercer a profissão -  
O operário adquiriu  
Uma nova dimensão:  
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu  
Que a todos admirava:  
O que o operário dizia  
Outro operário escutava.  
E foi assim que o operário  
Do edificio em construção  
Que sempre dizia "sim"  
Comecam a dizer "não"  
E aprendeu a notar coisas  
A que nao dava atenção:  
Notou que sua marmitta  
Era o prato do patrão  
Que sua cerveja preta  
Era o uisque do patrão  
Que seu macacão de zuarte  
Era o terno do patrão  
Que o casebre onde morava  
Era a mansão do patrão  
Que seus dois pes andarilhos  
Eram as rodas do patrão  
Que a dureza do seu dia

Era a noite do patrão  
Que sua imensa fadiga  
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!  
E o operário fez-se forte  
Na sua resolução

Como era de se esperar  
As bocas da delação  
Começaram a dizer coisas  
Aos ouvidos do patrão  
Mas o patrão não queria  
Nenhuma preocupação.  
- "Convencam-no" do contrário  
Disse ele sobre o operário  
E ao dizer isto sorria.

Dia seguinte o operário  
Ao sair da construção  
Viu-se subitamente cercado  
Dos homens da delação  
E sofreu por destino  
Sua primeira agressão  
Teve seu rosto cuspidado  
Teve seu braço quebrado  
Mas quando foi perguntado  
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário  
Sua primeira agressão  
Muitas outras seguiram  
Muitas outras seguirão  
Porém, por imprescindível  
Ao edifício em construção  
Seu trabalho prosseguia  
E todo o seu sofrimento  
Misturava-se ao cimento  
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência  
Não dobraria o operário  
Um dia tentou o patrão  
Dobra-lo de modo contrário  
De sorte que o foi levando  
Ao alto da construção  
E num momento de tempo  
Mostrou-lhe toda a região  
E apontando-a ao operário  
Fez-lhe esta declaração:  
- Dar-te-ei todo esse poder  
E a sua satisfação  
Porque a mim me foi entregue  
E dou-o a quem quiser.  
Dou-te tempo de lazer  
Dou-te tempo de mulher  
Portanto, tudo o que ver

Sera' teu se me adoraes  
E, ainda mais, se abandonares  
O que te faz dizer não.

Disse e fitou o operário  
Que olhava e refletia  
Mas o que via o operário  
O patrão nunca veria  
O operário via casas  
E dentro das estruturas  
Via coisas, objetos  
Produtos, manufaturas.  
Via tudo o que fazia  
O lucro do seu patrão  
E em cada coisa que via  
Misteriosamente havia  
A marca de sua mão.  
E o operário disse: Não!

- Loucura! - gritou o patrão  
Nao ves o que te dou eu?  
- Mentira! - disse o operário  
Nao podes dar-me o que e' meu.

E um grande silêncio fez-se  
Dentro do seu coração  
Um silêncio de martirios  
Um silêncio de prisão.  
Um silêncio povoado  
De pedidos de perdão  
Um silêncio apavorado  
Com o medo em solidão  
Um silêncio de torturas  
E gritos de maldição  
Um silêncio de fraturas  
A se arratarem no chão  
E o operário ouviu a voz  
De todos os seus irmãos  
Os seus irmãos que morreram  
Por outros que viverão  
Uma esperança sincera  
Cresceu no seu coração  
E dentro da tarde mansa  
Agigantou-se a razão  
De um homem pobre e esquecido  
Razão porém que fizera  
Em operário construído  
O operário em construção